



## Sexualidade e DST/Aids em uma população universitária\*

### Sexuality and DST/Aids in a university population

ISABEL BENTO<sup>1</sup>, SONIA BUENO<sup>2</sup>

#### RESUMO

**Fundamentos:** dada a situação atual na qual enfrentamos uma liberação sexual acentuada, e por isso, a vulnerabilidade e suscetibilidade de toda a população sexualmente ativa, particularmente o adulto jovem, nos inquietamos em perceber o nível de desinformação ou até a dificuldade que muitos jovens tem para lidar com a sexualidade e com a negociação do sexo seguro. **Objetivo:** levantar junto a uma população de universitários, as práticas sexuais mais frequentes, o uso de preservativo como meio de prevenção e seus maiores problemas em relação a Sexualidade e DST/Aids, discutindo as situações de risco apresentadas, propondo ações educativas voltadas a um programa que vise informação, esclarecimento e desenvolvimento de habilidades que atuem na mudança de comportamento, para o exercício de uma sexualidade consciente, segura e responsável. **Métodos:** optamos por trabalhar a pesquisa-ação por ser essa, adequada ao desenvolvimento da temática em questão, nos per-

mitindo o levantamento de problemas, seguido de elaboração, execução, avaliação e intervenção de ações educativas direcionadas a um processo de ensino e aprendizagem contextualizado e voltado para o exercício da cidadania. Esta pesquisa tem uma fundamentação humanista, de cunho qualitativo-quantitativo.

Foram estudados 57 universitários do 2º ano de Fisioterapia de uma universidade de pequeno porte do interior paulista, por ter, esta classe, revelado inquietações a respeito da temática em questão e por terem demonstrado interesse no desenvolvimento da pesquisa. Foram coletados dados através de entrevista (questionário). **Resultados:** depreendemos que os sujeitos pesquisados apresentavam problemas no exercício de sua sexualidade, praticando ativamente o sexo, porém nem sempre seguro, revelando despreparo em lidar com questões concernentes a sexualidade, DST/Aids. **Conclusões:** é de vital importância a implementação de ações educativas que visem orientação, informação, esclarecimento e desenvolvimento de habilidades específicas para o exercício de uma sexualidade consciente, segura e responsável. Sugerimos portanto que agentes de saúde e educação estejam atentos a estas questões, voltando sua atenção a ações educativas preventivas para o adolescente e adulto jovem, para os problemas emergenciais, principalmente os decorrentes da sua sexualidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade, DST/Aids, Prática Sexual

\* Esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo que está sendo melhor trabalhado para tornar-se uma pesquisa em nível de Pós Graduação.

<sup>1</sup> Enfermeira Licenciada pela EERP-USP/Docente das Universidades Claretianas de Batatais/98

<sup>2</sup> Profa. Dra. EERP-USP/Consultora do Ministério da Saúde (CNDST-Aids) e da ONU (orientadora)

*Sabemos que as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), desde tempos mais remotos, fizeram parte da história dos povos*

## ABSTRACT

**Basis:** considering the actual situation characterized by an increasing sexual liberation and, therefore, by the vulnerability and susceptibility of the sexual active population, especially the young adults, we search to find out the levels of information/non information or the difficulties they have to deal with sexuality and the negotiation of safe sex. **Aim:** to find out among university students the most frequent sexual practices, the use of condoms as a way of prevention and their problems related to sexuality and STD/Aids, discussing the presented risk situations and proposing educative actions directed to a program of information and development of abilities in order to enable the change of behaviours and a conscious, secure and responsible exercise of sexuality. **Methods:** we worked with the action-research as we found it the most adequate to the development of the question, enabling us to find out the problems, followed by elaboration, execution, evaluation and intervention of educative actions directed to a teaching/learning process guided by the exercise of citizenship. This research had an humanist basis, with a quali-quantitative view. 57 university students of the 2<sup>nd</sup> year of the physiotherapy course were studied, revealing their inquietude regarding the theme and demonstrating interest on the development of the research. Data were collected through interviews (questionnaire). **Results:** we found that the subjects presented problems regarding the exercise of their sexuality, having sex frequently but not always safe, revealing their unpreparedness to deal with questions about sexuality, STD/Aids. **Conclusions:** it is important to implement educative actions directed to the orientation, information and development of specific abilities for the exercise of a conscious, secure and responsible sexuality. We suggest that the health and education agents must be aware of those questions, guiding their attention to educative and preventive actions on sexuality for adolescents and young adults.

**Keywords:** Sexuality, STD/Aids, Sexual practice

## 1. INTRODUÇÃO

Ao buscarmos a literatura científica sobre estudos referentes à sexualidade humana, temos visto que o sexo vem recebendo, desde os tempos mais antigos, significados extremamente paradoxais, pois que, ao mesmo tempo que ele representa uma necessidade básica do ser humano, acaba também, desencadeando anseios e expectativas naturais. Por

esta razão, tem sido um dos assuntos mais difíceis de ser trabalhado pois em toda sociedade, evoluída ou não, são gerados sobre ele, valores e credences populares, com isto, criando barreiras, emperran-

do os avanços nesta área, justamente por estar ligado aos preconceitos e tabus nutridos na cultura do povo, além de ser um tema extremamente velado por tratar da intimidade pessoal e coletiva. (1)

Portanto, por se tratar de um assunto tão complexo, ainda hoje representa um tema difícil de ser trabalhado. Contudo, nos dias atuais, nos deparamos com um problema muito sério, que diz respeito a necessidade de uma consciência libertadora para lidar com respeito e responsabilidade no que se refere a vivência de uma sexualidade segura, principalmente devido a iminência da Aids, por se tratar de uma doença com alto índice ainda de morbi-mortalidade.

Sabemos que as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), desde tempos mais remotos, fizeram parte da história dos povos. Conforme Bueno et al (1), os chineses, os árabes e os indus já faziam referência sobre elas. Os romanos, por sua vez, denominavam-nas MORBUS INDECENS. Já a Bíblia, trata a gonorréia como impureza, enquanto sífilis teria significado de amor imundo. No século XV e início XVI, as DST chegaram a atingir a Europa. Jacques Bittencourt, as denominava de venéreas. Essas se espalharam pelo mundo inteiro, com as grandes navegações, havendo considerável incidência até a última guerra. Já nos dias atuais, com a explosão da Aids, temos visto que os padrões de comportamento tem se modificado, exigindo uma educação especial para lidar com estas questões. Porém, o problema vem ocorrendo de forma assustadora, estando longe do controle das autoridades sanitárias, visto o crescente aumento de pessoas infectadas pelo vírus, que deixaram de pertencer a este ou aquele grupo de risco como se caracterizavam no início da disseminação da doença, para assumirem comportamentos, ou vivenciarem situações de risco; o que não isenta nenhum cidadão, desde que este venha a praticar determinadas atitudes ou por falta de informação ou qualquer outra causa, colocando-o frente a frente com a possibilidade de contaminar-se ou a outrem.

Além do mais, entendemos que, reconhecidamente, a existência prévia de DST que causa úlcera genital, pode aumentar consideravelmente a chance de adquirir o HIV em uma única relação sexual. Do ponto de vista socioeconômico, o aumento dos casos de Aids entre a população jovem, terá um impacto no futuro próximo, porque o maior número

*Os dicionários registram que sexo é a conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais*

de casos tem ocorrido em indivíduos na fase reprodutiva e produtiva. As ações direcionadas a eles, necessitam de estratégias eficazes e eficientes, levando em consideração a vulnerabilidade e suscetibilidade

a que estão submetidos: são pessoas no início de uma nova fase da vida voltada para a vida adulta; já tem definida sua identidade de gênero; muitas vezes já estão na vida acadêmica, com perspectivas futuras de emprego e, potencialmente são sexualmente ativos. Neste cenário, torna-se fundamental que investamos na prevenção ligada, principalmente ao uso do preservativo, mas também incentivando o diálogo aberto entre os parceiros para que possa existir uma melhor negociação do sexo seguro.(1) (2)

Isto posto, vimos a necessidade de levantarmos junto a determinados segmentos da sociedade, particularmente universitários, quais os comportamentos mais usuais na prática sexual, no exercício de sua sexualidade, e quais os riscos que estes comportamentos estariam expondo aos seus sujeitos, tendo em vista o levantamento de um quadro diagnóstico do nível de informação e conhecimento sobre o assunto, para servir de subsídio para proposta de ações educativas no sentido de desenvolver informações e habilidades adequadas para uma saúde sexual consciente e responsável.

## 2. OBJETIVO

Levando em consideração estes referenciais, procuramos identificar junto aos universitários pesquisados, as práticas sexuais mais freqüentes, o uso de preservativo como meio de prevenção bem como, seus maiores problemas em relação à sexualidade e DST/Aids. A partir daí propôs-se discutir as situações de risco apresentadas, trabalhando conjuntamente com os universitários um programa educativo para desenvolvimento de habilidades, visando mudança de comportamento nas áreas deficitárias.

## 3. REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1. A educação para sexualidade humana

Ao buscarmos entendimento sobre esta questão na literatura, verificamos que, na era primitiva, o homem percebia o sexo enquanto instinto. Com o tempo, o sexo passou por um processo de valorização enquanto forma de sentimento e de procriação. Nesta época, a virgindade teve um significado relevante na vida da mulher, com o aval da igreja. Surgiu o sentido familiar. Mas, em paralelo, ocorreu a promiscuidade e a obscenidade. Disseminaram-se as doenças venéreas. O sexo passou a ser encarado como algo sujo, feio,

pecaminoso, negativo, surgindo o preconceito e o tabu neste sentido permanecendo para muitos até aos tempos atuais.(1)

Nos anos 60, houve a eclosão da liberação sexual nas ruas e nos

parques, com as mudanças de valores (movimento *Hippie*). Na década de 70, com o avanço da ciência e da tecnologia, surgiu intensamente o uso das pílulas anticoncepcionais e os preservativos (Camisa de Vênus), favorecendo a liberação da sexualidade feminina. Acontece, a partir de então, alto índice de aborto e gravidez precoce e não desejada, principalmente na adolescência. Nas últimas décadas, isto é de 70 para cá, surgiram motéis e muitos veículos de comunicação começaram a expor o obsceno e o pornográfico com a liberação da censura, inclusive a distorção do sentido família apresentada na mídia. Houve divulgação da multiplicidade de práticas sexuais (oral, genital, homo, hetero, e bissexual/individual e grupal). Conseqüentemente este fato gerou inúmeras doenças sexualmente transmissíveis e a Aids. Isto reverteu em um verdadeiro desafio à comunidade científica mundial, em confronto às epidemias e pandemias como no caso da Aids, que o próprio homem criou diante das suas circunstâncias vivenciais de risco. (1)

Então, vale a pena salientar a diferença entre sexualidade e sexo. Os dicionários registram que sexo é a conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintas. Já sexualidade, é um processo complexo e intrínseco do ser, que extrapola o conceito de ser apenas um fenômeno biológico, que tem a finalidade de diferenciar o macho da fêmea. É portanto, muito mais do que o ato sexual em si, pois sexo conota um ato fisiológico e sexualidade conota a totalidade do ser humano. No seu sentido mais amplo, sexualidade acaba sendo definida como um aspecto profundo e penetrante da personalidade total, a soma geral, mas como homem e mulher.(1)

Desde primórdios o assunto sexualidade é envolvido por uma atmosfera de preconceito e tabu, pois historicamente são fatores ligados às crenças e valores pessoais, desta forma, se falar de sexo já é complicado, falar das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e da Aids, torna-se muito mais complexo porque implica em entendermos a influência de fatores condicionantes e determinantes que levam as pessoas a terem comportamentos e atitudes de risco, no desempenho de suas práticas sexuais, ou mesmo no uso indevido da droga, influenciando consideravelmente, na qualidade de vida das

*Desde tempos mais remotos,  
a sexualidade humana  
vem sendo trabalhada  
no cotidiano das pessoas  
de forma oculta*

peças tanto ao nível individual quanto coletivo.(1)

A respeito de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids, desde tempos mais remotos o homem tem se defrontado com infinitos organismos que se alojam no corpo humano, por encontrarem condições favoráveis para a sobrevivência. Alguns destes microorganismos tiveram suas preferências para as estruturas genito-urinárias. A transmissão passa, então, a exigir um contato direto, íntimo representado pela relação pênis-vagina, sendo que muitas destas, aumentaram em risco com a variação de parceiros. Por outro lado, é difícil determinar quando a promiscuidade sexual e a prostituição passaram a ser estigmatizantes. Certamente, o estigma acompanha as doenças venéreas, hoje chamadas Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) dado o nível de complexidade em que se encontram. As doenças venéreas, assim entendidas na época, foram conseqüentemente conceituadas como doenças infecciosas causadas por agentes próprios das estruturas genitais humanas que, pelo menos nas fases iniciais das doenças, determinavam sintomas ou sinais na esfera genital. Alguns aspectos fundamentais básicos as complementavam ligando-se principalmente à prostituição. No pós-guerra imediato, estas doenças eram dadas por vencidas, com o uso de antibióticos, com o surgimento da penicilina. Nos anos 50, com a aparente calma dos costumes, houve uma redução do problema. Já na década de 60, tornam-se visíveis os inúmeros fatores, próximos e remotos, sociais e econômicos que levaram às modificações profundas do comportamento sexual e de valores morais, cujos efeitos colaterais eram ameaçadores, com o surgimento em caráter epidêmico dessas doenças. Emerge daí, um número crescente de jovens de ambos os sexos, com início à prática sexual, precocemente e com variedade de parceiros. O principal fator foi, sem dúvida, o próprio desenvolvimento capitalista que, cada vez mais, foi mercantilizando todas as esferas da atividade humana, inclusive a afetividade, sem a contrapartida das medidas sanitárias, educacionais e socioeconômicas necessárias à defesa da saúde da população. Esta omissão encontrou um ambiente social de maior precariedade sexual, intensa utilização do erotismo em meios de comunicação e grande facilidade de troca de parceiros nas grandes cidades. Conseqüentemente a incidência da sífilis está aumentando consideravelmente, em todos os continentes. Nos EUA, tem-se aumentado também as uretrites não gonocócicas, sendo motivo de grande preocupação, em momentos atuais.(1).

Tendo em foco o advento da Aids, fica-nos uma dúvida: até que ponto a população jovem, que está adentrando em sua vida sexual, tem a noção exata dos riscos que está correndo e tem informações corretas a respeito da Aids e tudo o que envolve a sua sexualidade.

### **3.2. Evolução cultural da sexualidade humana**

Desde tempos mais remotos, a sexualidade humana vem sendo trabalhada no cotidiano das pessoas de forma oculta, devido aos medos, preconceitos e tabus existentes, cravados ao longo do processo educacional do povo em geral. Estes elementos foram também associados aos mitos e credíes populares, que em seu conjunto acabaram influenciando consideravelmente a população. Isto certamente tem dificultado o acesso às informações adequadas a respeito desta temática, prejudicando desta forma a saúde pública, tanto em nível pessoal, quanto coletivo. (1)

Por outro lado, a problemática do sexo tornou-se maior porque estas questões se relacionam com o poder de gênero. A condição de ser homem favorecia a sua liberação, dando o direito de lhe ser tudo permitido, enquanto à mulher, lhe era reservado a subalternidade e a passividade, muito longe de ter direito aos prazeres causados pelo exercício de sua sexualidade. Todavia, lhe era concedido o direito à reprodução e à maternidade. Neste sentido, Bueno et al (3), referem que muitos tem sido os problemas na vida das pessoas, relacionados à sexualidade, surgidos em decorrência de condicionantes históricos, políticos, sociais, culturais, religiosos e educacionais, influenciando consideravelmente, o comportamento, e as atitudes, diante de padrões morais e valores rigidamente preestabelecidos. Contudo, os preconceitos e a desinformação nesta área, tem causado graves conseqüências para a saúde em geral, suscitando de todos conhecimentos adequados para a condução de uma saúde sexual consciente e responsável, tendo-se em vista, o alcance da plenitude da vida humana. Atualmente, nos momentos de pós modernidade, próximo da virada do milênio, estas questões passam por novos paradigmas, para uma visão mais crítica e reflexiva da sexualidade humana, sobretudo por influência do surgimento da Aids que vem contribuir para o desvelar desta temática, em detrimento aos aspectos de fatalidade que o próprio HIV ocasionou, suscitando uma pedagogia apropriada para favorecer as mudanças de comportamento para o sexo seguro, visando reverter o quadro pandêmico e epidêmico severamente existente.(2); (3)

*Sabe-se que a monogamia unilateral e o sexo sem proteção são condições facilitadoras de doenças sexualmente transmissíveis*

Nos últimos tempos, as mulheres tem conquistado amplos espaços, à busca da sua liberação sexual.

Porém, Bromberg in (2), revela que com o advir da anticoncepção fácil, de alta eficácia, permite uma maior mobilidade de casais, sem medo de um compromisso social obrigatório, representado por gestões não desejadas, a imagem antes discriminada de "femme fatale" passa a ser perseguida por mulheres desejosas de romances, passageiros ou não, estimulados por uma mídia implacável. A ascensão e o reconhecimento da mulher como um ser completo e eficiente, a coloca em pé de igualdade com o homem, mesmo que estes ainda hesitem em reconhecer o fato. Contudo, na guerra da Aids, a mulher vem alcançando altos índices de contaminação, pois tem tido dificuldade de negociação do sexo seguro com seu parceiro, e, em consequência, uma vez contaminada, poderá ocasionalmente infectar o seu bebê em período gestacional.(1)

Iremos com este trabalho explorar um pouco do universo das dúvidas e inquietações de uma população universitária, que ao menos na teoria deveria ser a mais bem informada entre as camadas socio-culturais, por se tratar de uma clientela acadêmica de um curso na área de saúde.

### **3.3. Educação para sexualidade, DST/Aids na pedagogia da problematização**

A educação na pedagogia da problematização é vista como uma política que pode confirmar ou contestar o *status quo*. Retrata uma teoria da aprendizagem e um modelo de como ensinar com métodos práticos e dinâmicos. Nela os educadores podem encontrar uma epistemologia, uma pedagogia e uma sociologia da educação vinculadas a um chamamento em favor da democratização da sociedade e das escolas. Estabelece a ligação entre a sala de aula e a política de poder da sociedade. Ela prescreve um único modelo para que seja um professor libertador. Reconhece as complexidades do ensino para a mudança pessoal e social. O diálogo e a problematização devem ser recriados de modo que a educação libertadora se ajuste às condições de cada novo cenário, fundamentando-se numa concepção hermenêutica do conhecimento humano, como decisivo para as ciências humanas. E ao procurar buscar a validade do conhecimento em processos de discursos racionais, é possível comunicar-se entre si, e daí a ênfase no diálogo, na reflexão compartilhada a partir da experiência de cotidianidade(2) (4)

Nesta concepção, a Educação é vista então, como um projeto político, que ao mesmo tempo, rompe

as múltiplas formas de dominação e amplia os princípios e práticas da dignidade humana, liberdade e justiça social. Retraça o trabalho de ensinar como a prática de todos os trabalhadores culturais engajados

na construção e organização do conhecimento, desejos, valores e práticas. Ensinar não é estar em sala de aula, mas estar na história e no imaginário político para levar as mudanças. Associa teoria e prática, reflexão e ação, buscando princípios no compromisso social. Fundamenta-se na problematização, na dialogicidade, reflexão crítica, objetividade-subjetividade, ocupando espaços nucleares para a educação libertadora. (2); (4); (5); (6)

Freire (2) retrata e marca, portanto a história do pensamento pedagógico mundial, renovando as propostas de uma prática educativa progressiva que constrói a partir da realidade e não dos conceitos. Inspira ter esperança e sonhar. Propõe as bases da Pesquisa-ação como método participativo na Educação e na Saúde, enumeradas na metodologia da investigação temática e no conteúdo da forma da educação problematizadora, tendo como fundamento, o diálogo aberto, como expressão e forma da verdadeira libertação humana.

O educador existencia sua pedagogia numa pedagogia em que há o esforço totalizador da prática à busca da amplitude de vida e desvela a sutileza do diálogo pedagógico implicando tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno do que gira quanto a exposição sobre ele feita pelo educador para os educandos. Implica um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. A relação dialógica não anula a possibilidade do ato de ensinar. Se funda e completa no ato de ensinar. Estimula o pensamento crítico, inquieto, do educador se entregando à curiosidade do educando. Portanto, o diálogo não pode converter-se num simples batepapo informal que caminhe ao gosto do acaso do educador e do educando.(2)

O papel especial da universidade é fornecer meios satisfatórios para os universitários aprenderem e desenvolverem habilidades analíticas e reflexivas a respeito de si mesmos respondendo suas questões de modo claro e objetivo, fortalecendo seus valores em fase de estrutura. A Universidade também poderá dar contribuição importante para a vida familiar pois os alunos estão sendo agentes ativos em sua prática sexual, demandando uma orientação adequada para o sexo seguro.(2)

## 4. METODOLOGIA

Neste estudo, optamos trabalhar a pesquisa-ação pois que esta é a modalidade que mais se adequa para o desenvolvimento da temática em questão. Essa nos permite levantar dificuldades e problemas junto com os sujeitos pesquisados, seguida de elaboração, execução, avaliação e intervenção de ações educativas, possibilitando trocas de experiências no processo de ensino e aprendizagem, visando conhecimento, habilidades e mudança de comportamento, com vistas ao sexo seguro, com respeito e responsabilidade.(2)

Esta pesquisa, portanto, tem como fundamentação, uma abordagem humanista, pois que vislumbra o ser humano em sua totalidade, de forma contextualizada, resgatando a otimização da vida e o exercício da cidadania.

A sua análise, na interpretação dos dados, tem um cunho quali-quantitativo, pois que seu tratamento estatístico aqui trabalhado, tem relevante significância, na busca da problematização consensual emitida pelos sujeitos estudados. Por outro lado, o significado expresso pelas falas investigadas tem valor importante em termos qualitativos que não se pode perder de vista, pois permite o revelar de medos, ansiedades, inquietações e anseios destes sujeitos de acordo com a visão de mundo de cada um como também, de si e do outro.

- **Local** : uma universidade privada do interior paulista, de pequeno porte.
- **População amostral** : 57 alunos do 2º ano do Curso de Fisioterapia, por ter esta classe demonstrado grande inquietação na área da sexualida-

*Programas educacionais para se reduzir o uso de drogas parenterais e atividades sexuais sem proteção são componentes estratégicos à prevenção pelo HIV*

de, revelando interesse conjunto no desenvolvimento desta pesquisa.

- **Instrumento** : questionário
- **Técnica** : observação e entrevista (com questões norteadoras)

### • Procedimento (etapas)

Para a elaboração deste trabalho seguimos os seguintes passos:

- este estudo foi realizado com esta amostra estudantil, por ter apresentado vários problemas relacionados à temática central e por haver manifestações destes alunos para o desenvolvimento desta Pesquisa-ação;
- foi elaborado um instrumento (questionário), anônimo, e solicitado a estes alunos, que respondessem individualmente, sem nenhuma comunicação entre eles, na presença da pesquisadora, e, que fossem respondidas com toda franqueza as questões, pois o resultado seria sigiloso, não expondo de maneira alguma aos alunos;
- o tempo para as respostas foi aberto, tendo os alunos, liberdade para respondê-las com tranquilidade;
- após o recolhimento dos questionários respondidos, foi feita a tabulação dos dados e elaboração de tabelas, bem como discussão, análise e conclusão dos resultados.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme pudemos observar na tabela 1, a maioria da amostra estudada é do sexo feminino, na faixa etária de 18 a 20 anos, solteiros e católicos, tendo alguns dos universitários deixado de responder aos dados de caracterização.

**Tabela 1** - Dados de caracterização dos universitários pesquisados

Sexo	n°	%	Faixa etária	n°	%	Est.Civil	n°	%	Religião	n°	%
masculino	11	19,3	18 - 20	37	65,0	Solteiro	54	94,7	católica	38	66,8
feminino	43	75,5	21 - 25	16	28,0	Casado	0	0	evangélica	03	5,2
em branco	03	5,2	>26	01	1,8	em branco	03	5,3	espírita	08	14,0
			em branco	03	5,2	em branco	08	14,0			
total	57	100		57	100		57	100		57	100

No que tange à questão sobre relação sexual, detectamos na tabela 2 que a maioria dos universitários pesquisados já pratica o sexo (63,2%). É interessante destacar que 35% afirmam ser virgens, tendo apenas um universitário deixado de responder o quesito.

**Tabela 2** - Distribuição numérica e percentual das respostas dos universitários pesquisados sobre a questão 1 - Você já teve relação sexual?

Uso da prática sexual	Frequência	
	n°	%
Sim	36	63,2
Não	20	35,0
Em branco	01	1,8
<b>Total</b>	<b>57</b>	<b>100,0</b>

Como podemos ver na Tabela 3, a maior frequência das relações sexuais está entre 1 vez (36,1%) e mais de uma vez por semana (19,4%), perfazendo 55,5%, portanto representando um índice alto de práticas ativas semanais entre os jovens pesquisados. Isto certamente representa comportamento de risco caso não pratiquem o sexo seguro.

**Tabela 3** - Distribuição numérica e percentual das respostas dos universitários pesquisados sobre a questão 2 - Caso já tenha relação sexual, com que frequência pratica?

Frequência da prática sexual	n°	% *
mais de uma vez por semana	13	36,1
uma vez na última semana	07	19,4
uma vez no último mes	14	38,9
uma vez no último ano	02	5,6
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100,0</b>

\* A porcentagem foi calculada pelo total de pessoas que fazem sexo (36), conforme revelada na tabela 1.

Conforme observamos, a Tabela 4, a grande maioria (88,9%) alega ter um parceiro fixo, enquanto um pequeno percentual, afirma ter contato com parceiros múltiplos; e curiosamente uma parcela considerável de 30,5% não respondeu a pergunta a respeito do sexo dos parceiros, não tendo sido observado nenhum universitário que respondesse que pratica sexo com parceiros do mesmo sexo.

**Tabela 4** - Distribuição numérica e percentual das respostas dos universitários pesquisados sobre a questão 3 - Com quem, habitualmente tem relações sexuais?

Tipos	n°	%	*	n°	%*
um único parceiro	32	88,9	do sexo oposto	25	69,5
mais que um parceiro	03	8,3	do mesmo sexo	—	—
em branco	01	2,8	em branco	11	30,5
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100</b>		<b>36</b>	<b>100,0</b>

\* Conforme a tabela anterior, a % aqui, foi calculada pelo total de pessoas que fazem sexo(36)

Vale salientar os resultados desta tabela(5) na qual pudemos perceber que a prática da relação sexo-vaginal (94%) é bastante popular no meio da população universitária, porém tendo a prática de relações orais alcançado um índice também bastante relevante(66,3%).

**Tabela 5** - Distribuição numérica e percentual das respostas dos universitários pesquisados sobre a questão 4 - Quais os tipos de relações sexuais você pratica?

Sobre tipos de relações sexuais praticadas	Frequência	
	n°	%
vaginal	34	94,0
oral	24	66,3
anal	02	5,5
não respondeu	01	2,2

\* Houve mais de uma resposta para alguns sujeitos. A % foi calculada pelo total da população que pratica sexo, isto é, 36.

Nota-se que nem a metade dos universitários estudados tem como prática o uso de preservativo, que é uma das barreiras mais eficientes contra a transmissão de DST e Aids.(tabela 6)

**Tabela 6** - Distribuição numérica e percentual das respostas dos universitários pesquisados sobre a questão 5- Usa Preservativo (Camisinha)?

Sobre o uso da prática sexual	Frequência	
	n°	%
sim	16	44,4
não	12	33,4
às vezes	06	16,6
não respondeu	02	5,6
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100,0</b>

*Dentro da população que está no início da idade reprodutiva, temos uma porcentagem de 35% que optou até o momento a permanecer virgem*

Com base nos dados colhidos através deste trabalho, pudemos levantar algumas informações importantes, no que diz respeito às áreas em que nos propomos a intervir enquanto agentes de saúde e educação, no sentido de orientação para uma atitude responsável e voltada para a cidadania no que tange à expressão da sexualidade humana, dentro do meio universitário.

Como vimos, nas últimas décadas, houve uma expansão das práticas sexuais, inclusive em sua multiplicidade de possibilidades, dentro da população jovem isto não é diferente, porém percebemos algumas modificações de comportamento, que provavelmente estão ligadas à própria insegurança com relação a Aids.

Dentro da população que está no início da idade reprodutiva, temos uma porcentagem de 35% que optou até o momento a permanecer virgem, apesar de todo o apelo dos veículos de comunicação e às pressões sociais, o que já implica numa mudança de comportamento com relação às gerações imediatamente anteriores, que refletiram a liberação feminina mais diretamente. Com relação à frequência na qual a amostra estudada mantém relações sexuais, talvez esteja ligada à própria condição de estudantes, que em sua maioria está longe de suas cidades de origem, formando dois blocos percentuais de frequência, o mais relevante de 38,9% de jovens que mantem relação em média de uma vez por mes e outro bloco de 36,1% de estudantes que mantem relações mais de uma vez por semana .

Outra característica interessante de ser salientada nesta amostra estudada, foi a variedade de parceiros, pois 88,9%, uma parcela importante da mesma, opta por um parceiro fixo, demonstrando uma característica de fidelidade que provavelmente seja reflexo já da mudança de comportamento sexual ao qual a sociedade está sendo impelida, embora esta opção também revele necessidade de diálogo aberto e fidelidade de ambas as partes.

No que diz respeito ao sexo do parceiro, talvez até como afirmaram Bueno et al (1), este é um assunto que é envolvido por muitos tabus e preconceitos, o que talvez tenha impedido a identificação do sexo do parceiro de 30,5% da amostra estudada.

Algo que nos chamou muito a atenção foi o fato de ter sido detectado um número de 66,3% do total de relações praticadas como do tipo Oral, e 94% vaginal. Fato que nos atentou para a questão: Será que os jovens tem conhecimento que DST ou mesmo a Aids podem ser transmitidas através de relações orais, ou vaginais, sem proteção devida? Isto aliado ao fato que nem 50% dos jovens estudados

usam preservativos, que hoje em dia ainda é a barreira mais eficiente no contato sexual contra este tipo de doenças, entre outras, podendo nos levar a concluir que ações educativas mais efetivas de-

vem estar sendo desenvolvidas, a curto, médio e longo prazo para sanar este tipo de desinformação, levando assim, os jovens a optarem por uma sexualidade responsável e voltada para o bem estar de si mesmo e da sociedade.

Portanto, ao analisarmos todos os resultados anteriores, associados aos do quadro 1, pudemos observar que, embora a amostra estudada seja composta de estudantes universitários, na área da saúde, esses revelam desconhecimento geral sobre o assunto, demandando atenção especial.

**Quadro 1** - Distribuição das respostas dos universitários pesquisados sobre a questão 6 -Quais suas principais dúvidas sobre: Sexualidade, DST, Aids?

<b>RESPOSTAS</b>
<b>DÚVIDAS SOBRE SEXUALIDADE</b>
- Na 1ª transa, qual a probabilidade de engravidar se não usar camisinha?
<b>DÚVIDAS SOBRE DST</b>
- O que é condiloma?
- As DSTs oferecem risco de vida?
- Como identificar DST?
<b>DÚVIDAS SOBRE AIDS</b>
- Preservativo, o uso evita a Aids?
- Através do espermatozóide pode haver transmissão?
- Sexo oral transmite?
- Pega na 1ª transa?
- O líquido que o homem solta pouco antes da ejaculação transmite?
- E se o preservativo furar, pode transmitir?
- Sexo anal está mais próximo do contágio?
- Existe algum tipo de relação em que o índice de transmissão é maior?
- Sem a presença de sangue, pode haver transmissão?
- Quais os sintomas da Aids?
- Quais os tipos de secreção que transmitem?
- Apenas com o contato pênis-vagina (sem penetração) pode-se pegar?
- Com herpes na boca, o beijo na boca pode transmitir?
- Quais os outros métodos de prevenção, fora a camisinha?



## 6 – CONCLUSÃO E SUGESTÕES

De acordo com os achados deste trabalho, depreendemos de uma forma geral, que os sujeitos pesquisados apresentam problemas relativos ao exercício da sua sexualidade, praticando ativamente o sexo, mas nem sempre seguro, revelando despreparo em lidar com as questões da sexualidade, DST e Aids e conseqüentemente, um comprometimento com a sua vida individual e coletiva a curto, médio e longo prazos.

Diante do exposto e devido a vulnerabilidade e a suscetibilidade dos sujeitos pesquisados, aos riscos de contaminação às DST/Aids, entre outros problemas decorrentes da própria sexualidade, nesta faixa etária, entendemos ser de fundamental importância, a necessidade de implantação e implementação de ações que visem orientação, informação, esclarecimento, bem como desenvolvimento de habilidades para o exercício de uma sexualidade mais consciente, segura e responsável, visando a sua mudança de comportamento com vistas à busca da saúde integral e particularmente, a sexual para a garantia da otimização da vida, e do exercício da cidadania.

Sugerimos portanto, que os agentes da Saúde e da Educação estejam atentos a estas questões, voltando suas atenções às ações educacionais preventivas para o adolescente e o adulto jovem, sem ex-

cluir aqueles que já vivenciam a experiência de ser aluno na universidade, para atender seus problemas emergenciais, principalmente os decorrentes da sexualidade nesta faixa etária.

### Endereço para correspondência:

**Profª Drª Sônia Bueno**

Rua Mariana Junqueira, 1283, Ribeirão Preto, SP  
14015010 SP Fone (16) 610-0912

E-mail: [wiabueno@base.com.br](mailto:wiabueno@base.com.br)

**Isabel Cristina Bento** - C. Postal 46 – Altinópolis, SP  
CEP - 14.350.000 Telefone - 016-665 0752

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BUENO, S.M.V., COSTA, J.C., BORELLI, O.C., BUENO, L.V. **Educação para promoção da Saúde Sexual/DST/Aids**. Ribeirão Preto, SP: Ed Villimpress, 1995.
2. BUENO, S.M.V. **Marco conceitual e referencial teórico de educação para a saúde: orientação à prevenção de DST/Aids e drogas no Brasil para a Criança, Adolescente e Adulto Jovem** - documento Ministério da Saúde/mimeo/ Brasília, DF - 1997-8.
3. BUENO, S.M.V., COSTA, J.C., BORELLI, O.C., GUERRA, M.F.S. **Educação para a saúde e orientação sexual**. Guariba, SP: Ed. Guariart, 1994.
4. BENTO, I.C.B., BUENO, S.M.V., - Atividades educativas vivenciadas pelo enfermeiro licenciado em escola de 1º grau - um relato de experiência. **Anais do II Encontro de formação de professores de ensino médio em enfermagem**, Rib. Preto, SP, 1998-198.
5. FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
6. FREIRE, P. **Documento/20 anos de pedagogia do oprimido Paulo Freire**. São Paulo: Yangraf, s.d